

# A Força Movente da Música

Cartografias Sensíveis das  
Cidades Musicais do Rio de Janeiro

## Conselho Editorial

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – UFES  
André Lemos – UFBA  
André Parente – UFRJ  
Carla Rodrigues – UFRJ  
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ  
Cristiane Finger – PUCRS  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Francisco Rüdiger – UFRGS  
Giovana Scareli – UFSJ  
Jaqueline Moll – UFRGS  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Luiz Mauricio Azevedo – USP  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Maura Penna – UFPB  
Micael Herschmann – UFRJ  
Michel Maffesoli – Paris V  
Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Rose de Melo Rocha – ESPM  
Simone Mainieri Paulon – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

---

### Apoio



# A Força Movente da Música

Cartografias Sensíveis das  
Cidades Musicais do Rio de Janeiro

Micael Herschmann  
Cíntia Sanmartin Fernandes



*Editora Sulina*

Copyright © Autores, 2023

Capa: Humberto Nunes (elaborada a partir da obra “Incompletude”, de 2008, de autoria da artista plástica Anna Maria Maiolino)

Projeto gráfico e editoração: Niura Fernanda

Revisão: Janaina Mello e Adriana Lampert

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

H571f Herschmann, Micael

A força movente da música: cartografias sensíveis das cidades musicais do Rio de Janeiro / Micael Herschmann, Cíntia Sanmartin Fernandes. – Porto Alegre: Sulina, 2023.  
272 p.; 16x23cm.

ISBN: 978-65-5759-106-2

1. Meios de Comunicação. 2. Comunidades. 3. Comunicação Social. 4. Sociologia. 5. Cidades. 6. Música. I. Fernandes, Cíntia Sanmartin. II. Título.

CDU: 316.77

CDD: 302.23

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

Cep: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (51) 3110.9801

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Mai/2023

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Para Alessandra, Clara,  
Janaína, Leandro, Maria  
Eduarda, Pedro Ivo, Stela  
e Verônica, importantes  
afetos que nos ensinaram  
de forma lúdica e amorosa  
a partilhar o mundo.



Começamos desde o que a partir de agora é uma história dilatada, a qual propõe exigências inesperadas para cultivar a responsabilidade [...]. O risco de escutar uma história é que essa pode requerer-nos dentro das redes que se ramificam e que não podem ser conhecidas antes de nos aventurarmos por entre a sua miríade de fios. [...] (Continuamos apegados) a passados em andamento, que se antecipam mutuamente em presentes densos e futuros ainda possíveis [...] (é fundamental) seguirmos com o problema em uma fabulação especulativa (Haraway, 2019a, p. 203).

Não vê que os rios nunca enchem o mar? A vida de cada um também é assim: está sempre toda por viver [...] (Couto, 2005).





# Sumário

Breves anotações de uma extensa pesquisa cartográfica.....	11
<b>1. Desafio de pesquisar as Cidades Musicais, especialmente as práticas e dinâmicas cotidianas menos visíveis.....</b>	<b>21</b>
1.1 Cidades Criativas no Brasil .....	24
1.2 Músicas <i>nas</i> e <i>das</i> cidades.....	30
1.3 Particularidades de quatro cidades do estado do Rio de Janeiro.....	33
1.4 Trabalho de campo em urbes com tramas musicais produtivas potentes .....	41
<b>2. Rio de Janeiro – reinvenções e (re)existências .....</b>	<b>55</b>
2.1 Importância de estudar as culturas de rua cariocas em um contexto de valorização e investimentos em megaeventos.....	56
2.2 Entre as “conchas vazias” e a potencialidade das dinâmicas criativas urbanas cotidianas na área do porto do Rio de Janeiro .....	73
2.3 Resiliências, Polinizações e (Re)existências articuladas às expressões da música negra urbana .....	103
2.4 Protagonismos de grupos minoritários que vêm ressignificando áreas dessa urbe .....	126
<b>3. Paraty – muito além da cidade dos festivais .....</b>	<b>167</b>
3.1 Da cidade das festas religiosas à cidade dos festivais .....	169
3.2 Atores sinalizando desafios e perspectivas de mudanças .....	173

3.3	Festivais e práticas musicais como estratégias de desenvolvimento local relevantes .....	186
4.	<b>As ruas (en)cantadas de Conservatória.....</b>	191
4.1	Longevidade do circuito de seresta e serenata na localidade no Vale do Café.....	196
4.2	O Arranjo Produtivo Local de Entretenimento .....	200
4.3	Enfrentando os desafios locais e agenciando o desenvolvimento do território.....	202
4.4	Capital da Serenata e da Seresta.....	209
5.	<b>Rio das Ostras: entre grandes festivais, tentativas de reconhecimento da Unesco e outras estratégias <i>branding territorial</i>.....</b>	213
5.1	Ressignificação musical da cidade.....	215
5.2	Relevância e limites do Festival de <i>Jazz e Blues</i> .....	222
5.3	Candidatura ao selo da Unesco .....	227
5.4	A música como vetor importante capaz de alavancar o desenvolvimento local .....	234
6.	<b>O fazer com polinizador e (re)existente dos vagalumes, abelhas, formigas e borboletas pelos territórios .....</b>	239
	<b>Referências.....</b>	251

## Breves anotações de uma extensa pesquisa cartográfica

O fascínio pelo cotidiano das cidades contribuiu significativamente para unir e (co)mover dois pesquisadores cujos olhares se debruçaram sobre as interações sensíveis e inteligíveis que foram realizadas nas localidades de Paraty, Rio de Janeiro, Conservatória e Rio das Ostras nos últimos anos, especialmente aquelas que gravitaram em torno das experiências musicais. Pode-se dizer que a forte convicção de que essas manifestações musicais são paradoxalmente agenciadas não só pelas instâncias do biopoder, mas também pelos atores locais em iniciativas biopolíticas (as quais se traduzem em práticas cotidianas de “re-existência”) potentes e que promovem inclusão social, norteou o conjunto de reflexões elaboradas aqui por esses cartógrafos das experiências festivas e “transpolíticas” (Susca, 2019) urbanas.

Desse modo, a despeito do contexto mais adverso e autoritário vivido especialmente nos últimos anos sob a gestão de governos de extrema-direita no País, seguimos cartografando (sensivelmente) as ruas da cidade do Rio de Janeiro – na condição de pesquisadores das expressões artísticas que se (re)inventam com a urbe e, num gesto de perseverança e de desdobramento de pesquisas anteriores (Herschmann e Fernandes, 2014), incorporando em nosso fazer cartográfico mais três cidades do litoral e interior do estado (Paraty, Conservatória e Rio das Ostras) – isto é, acompanhamos, ao longo dos últimos cinco anos, atores/coletivos e suas respectivas redes que permaneceram *malgré tout* atuando nas cidades e ressignificando imaginários a partir de “paisagens sonoras” (Schafer, 1969) potentes.

Esses atos político-musicais-sonoros (Fernandes, 2021) presentes no cotidiano foram considerados, por nós, relevantes e capazes de construir “territorialidades sônico-musicais” (Herschmann e Fernandes, 2014), as quais, em geral, ganham a forma de rodas, bailes, cortejos e microeventos de rua frequentes.

A nossa pesquisa esteve centrada em analisar a dinâmica que envolve coletivos artistas e suas redes na ocupação da cidade, muitas vezes concretizada de forma autorizada, mas também de maneira informal e até clandestina. Nosso intento foi o de rastrear os atores, acompanhando as controvérsias e construindo cartografias que permitissem compreender as cidades não só pela ótica da funcionalidade, da aceleração, da impessoalidade, dos riscos e do medo, mas também como localidades marcadas por encontros, sociabilidades, afetividades e experiências de desaceleração. Nosso objetivo foi o de oferecer uma análise e fabulações urbanas que privilegiassem também aspectos menos visíveis das experiências musicais metropolitanas, especialmente daquelas subterrâneas, que se encontram “fora do radar” do poder público.

Vale sublinhar que ao realizar a nossa pesquisa empírica nos inspiramos no “pensamento tentacular”<sup>1</sup> de Haraway (2019a, 2019b, 2021, 2022) e terminamos por lançar mão de algumas metáforas oriundas do universo de Gaia, as quais são propostas nas obras de autores relevantes que se constituem em interlocutores-chave das nossas reflexões sobre os agenciamentos da música nas cidades cartografadas.

A primeira dessas metáforas está relacionada à nossa própria condição de “pesquisadores-formigas”, que trabalhamos tomando como

---

<sup>1</sup> O pensamento de Haraway (2019a, 2019b, 2021, 2022) é provocativo e capaz de expandir as nossas reflexões sobre as diversas consequências geradas pelo Capitaloceno e a necessidade de pensar e imaginar (especialmente por meio de “fabulações especulativas”) outros “futuros possíveis”. O “pensar-agir tentacular” de Haraway significa “sentir e tentar” (inclusive está na etimologia do termo “tentáculo”), ou melhor, implica colocar à prova as fronteiras metodológicas para articular e expandir de forma inovadora os conhecimentos.

referência fundamental a Teoria Ator-Rede proposta por Latour (e outros especialistas em epistemologia da ciência) e seu conceito de uma necessária desconstrução da “Sociologia do Social” (Latour, 2012; Lemos, 2013; Callon, 2010). Para nós, “cartógrafos das controvérsias” da ANT (Actor Network Theory), essa abordagem teórico-metodológica se constitui em uma crítica contundente às teorias sociológicas que se apoiam em categorias sociais e, ao mesmo tempo, aposta em uma valorização radical do trabalho empírico. Em sua obra, Latour destaca a relevância de não ceder à tentação de usar atalhos e explicações esquemáticas, e enfatiza a necessidade de seguir tomando o mundo social da perspectiva da “formiga”, atuando muito próximo aos atores, acompanhando o cotidiano deles em suas reagregações (Latour, 2012).

A segunda metáfora é a das “abelhas”, proposta pelo economista Moulrier-Boutang: valendo-se da noção de “polinização”, esse autor identifica nas práticas cotidianas interdependentes das redes esse tipo de trabalho, que, como o das abelhas, não é reconhecido, mas é crucial para a agregação de valor e o funcionamento do capitalismo contemporâneo. No caso das abelhas, a contribuição desses insetos à polinização da biosfera não tem preço, por ser tão vital à sobrevivência do planeta e da vida. Do mesmo modo, a potência das externalidades produzidas pelas redes sociais é vital para o funcionamento do capitalismo atual: é de onde ele extrai grande parte da riqueza (Moulrier-Boutang, 2007 e 2010). Assim, é possível considerarmos o trabalho colaborativo dos atores que constroem a cultura musical de rua carioca fundamental para a construção do cotidiano e da vida rica sociocultural da cidade, da qual participam diferentes segmentos sociais – e não apenas os turistas e a elite econômica que certamente têm recursos para gozar do leque de eventos que vêm sendo ofertados na nova cidade globalizada que está sendo construída desde o início do século XXI. Ao dar as costas à “sociedade do pólen carioca”, isto é, ao gentrificar essa localidade e impor uma série de dinâmicas de

regulação e repressão, como tem sido feito largamente na cidade do Rio, o poder público pode estar prejudicando de maneira contundente o funcionamento urbano mais fluido e criativo na região. Felizmente, diferentemente das abelhas (praticamente exterminadas em algumas localidades do planeta pelos graves desequilíbrios produzidos pelo antropoceno) – como pudemos observar na nossa pesquisa – os artistas e suas redes não cessam de “polinizar” e ressignificar essa metrópole que, a despeito de tudo (especialmente de estar experienciando uma crise sem precedentes), seguem apresentando sinais de vitalidade nas tramas cotidianas.

A terceira e quarta metáforas são as dos “vagalumes” e “borboletas” propostas pelo filósofo e historiador da arte Didi-Huberman em sua obra. A de vagalumes, anteriormente já empregada por Dante e Pasolini, é retomada de forma mais solar por Didi-Huberman em seu livro *A sobrevivência dos vagalumes*. Em suas reflexões, este autor (2011) parte especialmente do famoso artigo “O vazio do poder na Itália”, escrito por Pasolini, em 1975, e no qual o cineasta lamenta a morte dos vagalumes, que seriam para ele fulgurações figurativas de momentos de graça que resistem ao mundo do terror, isto é, lampejos de inocência, em contextos marcados pelo aniquilamento e precarização, graças ao fascismo e, posteriormente, ao modo de vida burguês triunfante. Didi-Huberman (2011) questiona o fatalismo desesperado de Pasolini e identifica possíveis lampejos dos vagalumes nos agenciamentos das experiências e das imagens na contemporaneidade. Assim, este filósofo resgata a noção de ressurgência, de Arendt, para quem seria preciso reconhecer a vitalidade das sobrevivências e da memória quando essa encontra formas justas de transmissão. E, finalmente, em outros trabalhos seus em que aborda temáticas correlatas, especialmente sobre as dinâmicas de “levantes”, Didi-Huberman trata da potência dos panfletos políticos, também conhecidos em francês como *papillons*. Para esse autor, as borboletas são mensagens desobedientes elaboradas “des-

de o início para voar”, feitas para serem lançadas à multidão. Portanto, quase sempre são lançadas às nuvens: não se sabe exatamente “como” e “se” as mensagens serão recebidas. Destaca ainda que, de modo geral, são textos feitos de luz e sombras em nome dessa potência que se chama de levante (Didi-Huberman, 2019). Vale sublinhar que, em conversas formais e informais que tivemos com os atores nas cidades pesquisadas, quase sempre foi destacada por eles – em seus discursos – a aptidão das músicas em criar atmosferas e ambiências sedutoras e envolventes, isto é, a capacidade de ressignificar positivamente a experiência urbana, mesmo em contextos de ampliação da repressão do Estado e de crescimento da violência nas cidades. Ao mesmo tempo, sublinham a importância das “performances” (Taylor, 2013) musicais, como forma de transmitir conhecimentos associados direta e indiretamente às culturas de minorias da urbe. Pode-se dizer que essas experiências musicais pesquisadas vêm produzindo experiências potentes de imersão sonora, as quais veiculam mensagens relevantes e políticas que constroem um imaginário e, de certa maneira, outro mundo possível no cotidiano dessas cidades.

Salientamos que, provavelmente, teria sido impossível realizar esse trabalho hercúleo e desenvolver essa perspectiva “tentacular” ao se debruçar sobre este estudo – no processo de construção dessas cartografias sensíveis e das controvérsias dessas quatro cidades musicais do estado do Rio de Janeiro – se não tivéssemos contado com a valiosa colaboração e o apoio incansável da equipe interinstitucional de investigação que foi organizada, envolvendo os grupos de pesquisa Comunicação, Arte e Cidade (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e o Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Essas equipes nos acompanharam em quase todas as etapas do extenso trabalho de campo

que foi realizado: assim, não só tivemos a oportunidade em inúmeras ocasiões de discutir com esses pesquisadores as nossas reflexões, trechos de depoimentos e informações controversas, mas também pudemos contar com sua presença e empenho em contribuir com a difícil tarefa de “seguir os rastros” (Latour, 2012) dos atores locais.

Além das dificuldades logísticas e dos grandes desafios de trabalhar com um extenso *corpus* empírico (que envolveu lidar com distintas “realidades” e dinâmicas sociais de diferentes localidades dessa macrorregião), sublinha-se que foi difícil concluir a parte final dessa pesquisa por conta do impacto do contágio acelerado (e constante) e das medidas sanitárias que foram adotadas no contexto da pandemia de Covid-19 no País. Poderíamos listar de maneira resumida algumas dessas dificuldades enfrentadas e que, sem dúvida, afetaram os resultados aqui apresentados: a) a impossibilidade de fazer presencialmente o trabalho de campo nas cidades selecionadas durante um longo período, dado os riscos que a pandemia oferecia aos atores e a todos os envolvidos direta e indiretamente com essa investigação; b) a distorção dos dados socioeconômicos das cidades pesquisadas, por conta do contexto de uma profunda crise que afetou dramaticamente os atores nas localidades (e de excepcionalidade deflagrada pela pandemia); c) e, evidentemente, a interrupção da maioria das atividades dos artistas/produtores nos territórios e das dinâmicas culturais rotineiras e programadas nas cidades, bem como o redirecionamento de boa parte das políticas públicas para programas emergenciais (assistenciais e de apoio) aos atores nessas cidades. Aliás, não foi só a pandemia que lançou obstáculos a esta iniciativa acadêmica: desde 2016, a chegada ao poder de grupos conservadores e religiosos de extrema-direita nas esferas municipais, estaduais e federal dificultou não só a implementação de políticas públicas progressistas e democráticas em diferentes regiões, mas também a liberação de recursos para as áreas de ciência e tecnologia do País (dificultando



em alguns momentos, em função dessas carências, o cumprimento de etapas da nossa agenda de pesquisa).

Nessas linhas iniciais, gostaríamos de informar ao leitor que se buscou, com essa iniciativa acadêmica, apresentar ao público não apenas um livro com os resultados de uma longa pesquisa realizada entre 2017 e 2022, mas também uma plataforma digital como uma cartografia sensível das quatro cidades pesquisadas (<https://www.cartografiasmusicais.com.br>). A nossa intenção foi a de oferecer uma plataforma digital – composta de farto material audiovisual – na qual o usuário poderá acessar depoimentos dos atores e conhecer um pouco das atividades e dos eventos que são concretizados nessas localidades: a nossa aposta é a de que o público, ao acessar esses conteúdos variados, seja capaz de compreender um pouco o potencial de reconfiguração das iniciativas musicais, isto é, não só a sua capacidade em contribuir para a democratização do acesso à vida cultural e aos espaços desses territórios, mas também a sua importância para a construção de sinergias com outras cadeias produtivas e novos patamares de desenvolvimento local sustentável. Em outras palavras, buscou-se oferecer o acesso mediado a um conjunto de experiências sensíveis que talvez ofereçam elementos mais palpáveis para que o público (re)dimensione a relevância da música nos processos de ressignificação do cotidiano e do imaginário das urbes pesquisadas.

Evidentemente, não poderíamos encerrar este breve texto inicial sem agradecer aos pesquisadores, atores locais, assistentes de pesquisa, técnicos e alunos de graduação e pós-graduação que contribuíram de alguma maneira para as reflexões e a pesquisa que fundamentaram a elaboração deste livro e da plataforma digital cartográfica. Expressamos aqui o nosso agradecimento aos seguintes colaboradores: Andrea Estevão, Antônio Consciência, Carla Helal, Cristiane Carvalho, Cristiane Mazeda, Eduardo Bianchi, Erick Felinto, Fabiano Lacombe, Flavia Magalhães, Indira Oliveira, Janaína Mello, Joaquim

Lima, João Grand Junior, Leonardo de Marchi, Luciana Guilherme, Luiza Kosovski, Marcos Rego, Marialva Barbosa, Maria Lívia Roriz, Michelle Ezequiel, Rafael J. da Silva, Rodrigo Morelato, Sami Brasil, Stênio Matos, Tatiane Mendes, Taissa Maia, Taíza Moraes e Victor Belart. Além disso, a todos que colaboraram com a conclusão deste trabalho e que infelizmente não foram mencionados, deixamos aqui registrado o nosso muito obrigado. E, finalmente, aproveitamos essa oportunidade para agradecer imensamente a FAPERJ, CAPES e CNPq – importantes agências de fomento à pesquisa do País – pelo apoio fundamental que permitiu a concretização dessas iniciativas de caráter acadêmico em um contexto de crise, tão adverso e complexo vivido no Brasil.

Para finalizar essa apresentação, gostaríamos de sublinhar dois aspectos que estiveram presentes no processo de elaboração deste livro. Primeiramente, enfatizamos que ao elaborar essa publicação não pretendíamos de maneira alguma esgotar o debate sobre as cidades musicais (e criativas) ou apresentar “soluções ou alternativas redentoras”, mas, sim, buscamos subsidiar a construção de um necessário, amplo e profícuo diálogo que permita “seguirmos lidando com o problema” (Haraway, 2019a, 2019b e 2022), isto é, que possibilite a diferentes lideranças, especialistas, artistas, técnicos e políticos continuarem enfrentando de maneira questionadora e democrática os desafios dos municípios brasileiros na sua busca pela competitividade e/ou pelo desenvolvimento local sustentável (Buarque, 2008).

Em segundo lugar, destacamos que este livro não é dirigido apenas aos membros da comunidade acadêmica, mas, sim, a um público mais amplo e interessado em se aprofundar no debate sobre o possível papel da “criatividade” (Florida, 2005; Reis, 2012) na construção de ciclos virtuosos, de prosperidade urbana. A partir dos estudos de caso das cidades do Rio de Janeiro, Paraty, Rio das Ostras e Conservatória, buscamos oferecer ao leitor um leque de experiências municipais ricas

que certamente subsidiarão uma compreensão mais crítica e plural da complexidade dos desafios que vêm sendo enfrentados no estado do Rio de Janeiro, especialmente nos processos e dinâmicas locais – mais ou menos institucionalizados – que agenciam a cultura como um vetor fundamental para alcançar novos patamares de desenvolvimento local.